

O REAL TEM SENTIDO?

Semiótica Psicanalítica Aplicada à Clínica da Cultura

Oscar Cesarotto

Desde o último solstício de inverno no nosso hemisfério, o *Relógio do Sul*, na fachada do Palácio Legislativo da cidade de La Paz, gira ao contrário, para conscientizar os cidadãos de que a Bolívia é um país do Sul, não do Norte; assim sendo, distinta deveria ser a maneira de registrar o tempo, também no equinócio, em ambas as metades da esfera terrestre. Ainda, os números romanos foram apagados, pintados encima os arábicos: num gesto que busca revalorizar a cultura local, as coordenadas da globalização foram postas de ponta-cabeça. A ideia parece saída da cabeça de Lewis Carroll, só que, para além das óbvias conotações, a razão última não deixa de ser topológica. Para entender o que está em jogo, convém retomar algumas considerações sobre o *sinistro* (1), aproveitando para revelar concepções do mundo & denunciar ideologemas. Para tanto, vale tomar como referência um dos seminários mais simpáticos de Jacques Lacan, número 21, *Les non-dupes errent* (*Aqueles que não são tolos erram*). (2)

Em primeiro lugar, a vulgata. Costuma ser dito, como se isso explicasse & justificasse os valores da sociedade, que tudo começou nos idos da Revolução Francesa, na Assembleia, pela divisão espacial entre Girodinos & Jacobinos, rivais na política & na disposição da arquibancada. *Esquerda*, desde então, ficou associada ao radicalismo & abominada dialeticamente pela *direita*, representante do direito & a retidão. *Oh la la!* Até a queda do muro de Berlim, o maniqueísmo ficou polarizado entre o *comunismo* & o chamado *mundo livre*. Só depois, o sistema assumiu seu nome próprio sem vergonha: *capitalismo*. (3) A mundialização parecia ser o fim da História, mas as histórias das gentes & dos países não cessam de se escrever, mesmo que os relatos oficiais façam de conta que não existem mais fronteiras nem soberanias. (4)

Em segundo, utilizando os registros lacanianos, com algumas precisões. Do ponto de vista do Real, nada mais concreto do que o nosso *planeta*, um pedregulho arredondado flutuando na galáxia, mesmo que sua forma verdadeira pareça mais

com um tubérculo gigante. No Imaginário, prima o *mundo* como representação, dando lugar às *representações do mundo* como ideologias cosméticas ao serviço das vontades dominantes. (5) No Simbólico, o *globo*, para além de ter sido o nome do teatro onde Shakespeare apresentava suas peças, é a racionalização intencional das coordenadas que regem horários & distâncias: os paralelos & os meridianos foram necessariamente inventados para navegar, mas também para comerciar. (Não por acaso, o marco zero convencional, o meridiano de Greenwich, foi estabelecido a partir do observatório situado no coração da metrópole, no apogeu do Império Inglês que não tinha pôr do sol. **God save the colonies!**)

Agora sim, as características do *nó borromeano*. Como escritura lógica das formações do inconsciente, sua articulação determina que as relações entre os registros se organizem em termos de superposições & subordinações, cada um se impondo como limite do outro. Destarte, a leitura levógira, contrariando as agulhas dos relógios, corresponde à hierarquização dos conceitos estabelecida por Lacan ao longo do seu ensino: RSI - SIR - IRS. Nesta sequência, o real faz objeção ao simbólico ($R>S$); o simbólico restringe o imaginário ($S>I$); o imaginário recobre o real ($I>R$). A orientação anti-horária do nó é a correta, enquanto a destrógira seria teoricamente inconsistente. Os três domínios, amarrados do jeito certo, dão sempre como resultado o mesmo liame: esta é a sua existência real, mas não natural, por ser um instrumento do feitio humano; ainda por cima, na possibilidade de ser enlaçado em duas versões diferentes confirma uma assertiva científica: *O infinito tem direção*. (6) Em outras palavras, *há esquerda & direita no universo*. Isto é, *o real tem sentido...*

Todas estas perspectivas são necessárias para analisar o imperialismo, a etapa superior do capitalismo. Quando *Amarika*, o nosso continente, foi colonizado, conquistado & catequizado nos últimos quinhentos anos, os invasores trouxeram, junto com as armas, suas leis & contabilidade; signos, palavras & números para melhor se apoderar. Desde então, mão de obra escravizada, recursos naturais espoliados, dívidas nacionais impagáveis. A riqueza sugada, permitindo estilos de vida admiráveis em terras alhures; ao mesmo tempo & como consequência, a pobreza endêmica dos eternamente Terceiros & Quartos Mundos. Bolívia, no caso, antes conhecida como Alto Peru.

A Terra tem duas metades com polos & magnetismos opostos (fato provado pelo redemoinho da água, que não gira do mesmo jeito nos dois hemisférios). O Norte norteia a imaginação do mundo inteiro, com suas culturas & royalties (Papai Noel, vulgo Santa, trazendo a neve aos trópicos, por exemplo). Codificando distâncias & horários, quem determina os símbolos ganha sempre todos os jogos (ou seja, a banca nunca perde, o dono da bola é também o dono do placar; quem primeiro sabe ler é quem inventou a escrita; assim caminha a humanidade). A dominação poderia ser uma questão pulsional, como alguma vez Freud pensara (7), na altura de *Totem & tabu*. Este texto, mesmo inspirado na antropologia da época, por último, é ficcional. Nada contra, mas a verdadeira narrativa dos grupos humanos foi sempre escrita com sangue, a guerra como parteira de todas as histórias (8), favorecendo os belicamente equipados que sempre levaram a melhor parte, para desenvolver seus países com tudo o que aqui espoliavam. (9) Determinismo histórico: a lei dos mais fortes, dos uns sobre os outros, o imperialismo como contradição principal, compreendendo as dialéticas entre amos & escravos; darwinismo social, a esperteza dos poucos que controlam a economia & a propriedade privada, fazendo muitos trabalharem & pagarem para o seu proveito, magnificando a concentração da renda, por sua vez, globalizada.

Este é o nó (górdio) das guerras, tanto frias quanto quentes, da desigualdade, em escala planetária; enquanto as imagens do mundo são cosmeticamente produzidas pelos meios de comunicação (10), o capital se espetaculariza na atual vida digital. (11) Mas não tem para todos: as arcas estão fechadas para nações & multidões, só as elites, locais & internacionais, vivem bem & se fecham em copas. A moral da História, maiúscula, como não poderia deixar de ser, pelo menos por enquanto, fica clara na língua inglesa: **RIGHT SHUTS - LEFT OPENS**. Este é o resumo macropolítico da *opera mundi*: o giro para a direita, na obediência ao relógio, controla a sociedade, a cultura & a civilização, no favorecimento de alguns & na exclusão do resto, maioritário, mas sempre em restrição. Para o lado esquerdo, por oposição, a abertura & a disseminação. Comunismo? Apenas justiça distributiva...

A topologia é o destino, senão dos povos, pelo menos, do sentido direcional do real, que pode ser indistintamente orientado, no fechamento ou na abertura,

com todas as ressonâncias que estes termos possam ter, no coletivo & no individual. (12) De ser possível, mudar a ordem da exploração seria um progresso que só poderá ser comemorado o dia em que Eros (expansão) supere Thânatos (contração) na expectativa global de vida de TODOS os habitantes do planeta, cidadãos do mundo, atores globais.

Referências bibliográficas:

- (1) ALEMÁN, Jorge - *Soledad=Común - Políticas em Lacan* - Editora Capital Intelectual - Buenos Aires - 2012.
- (2) CESAROTTO, Oscar - *No olho do Outro* - Editora Iluminuras - São Paulo - 1998.
- (3) CESAROTTO, Oscar - *Psicanálise & semiótica: Uma convergência assintótica*, in *Semiótica Psicanalítica - Clínica da cultura* - (Organizado por Lucia Santaella & Fani Hisgail) - Editora Iluminuras - São Paulo - 2013.
- (4) EHRENREICH, Barbara - *Ritos de sangue* - Editora Record - Rio de Janeiro - 2000.
- (5) FANTINI, João Angelo - *Manifestações da pulsão* - LEITURA FLUTUANTE - (Revista eletrônica do CESPuc) - Vol. 5 - Num. 1 - 2013.
- (6) FERRARI, León - *Prosa política* - Siglo XXI - Buenos Aires - 2005.
- (7) FREUD, Sigmund - *A disposição à neurose obsessiva* (1912) - Biblioteca Nueva - Madri - 2000.
- (8) GALEANO, Eduardo - *As veias abertas de América Latina* - Paz & Terra - Rio de Janeiro - 1979.
- (9) LACAN, Jacques - *Seminário XXI: Los no incautos erran* - Edição da Escuela Freudiana de Buenos Aires - 1976.
- (10) PEREIRA, Clóvis - *Uma história cultural para o fetichismo: O capitalismo como perversão*, in *Semiótica Psicanalítica - Clínica da Cultura* - (Organizado por Lucia Santaella & Fani Hisgail) - Editora Iluminuras - São Paulo - 2013.
- (11) GARDNER, Martin - *The annotated Alice* - Clarkson Potter Editor - Londres - 1960.
- (12) TEIXEIRA, Marcus do Rio - *Vicissitudes do objeto* - Editora ágalma - Salvador - 2005.